

RUTH VIEIRA LIMA

**A CONTRIBUIÇÃO DA PSICOPEDAGOGA PARA O PROCESSO EDUCATIVO
NAS ESCOLAS DE ENSINO FUNDAMENTAL**

PARNAÍBA - PI

2009

RUTH VIEIRA LIMA

**A CONTRIBUIÇÃO DA PSICOPEDAGOGIA PARA O PROCESSO EDUCATIVO
NAS ESCOLAS DE ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada à
Universidade Estadual do Piauí
como instrumento parcial de
avaliação da disciplina Prática e
Pesquisa V, do curso de
Licenciatura Plena em Pedagogia.
Orientador: Prof^o Antonio Marcos
Silva Costa

PARNAÍBA - PI

2009

RUTH VIEIRA LIMA

**A CONTRIBUIÇÃO DA PSICOPEDAGOGIA PARA O PROCESSO EDUCATIVO
NAS ESCOLAS DE ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada à
Universidade Estadual do Piauí
como instrumento parcial de
avaliação da disciplina Prática e
Pesquisa V, do curso de
Licenciatura Plena em Pedagogia.
Orientador: Prof^o Antonio Marcos
Silva Costa

Aprovado em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof^o

Prof^o

Prof^o

PARNAIBA - PI

2009

!

Dedico a Deus, meu amigo fiel,
que me deu sabedoria para
concluir essa jornada. A minha
família em especial.

Agradeço primeiramente a Deus por me conceder sempre capacidade. A D. Rufina, minha mãezinha, pela sua compreensão e a família, pelo apoio.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
CAPITULO I	
1. O histórico psicopedagógico.....	09
1.1 O surgimento da psicopedagogia.....	09
1.2 A psicopedagogia no Brasil.....	10
1.3 Teorias que auxiliam a psicopedagogia.....	11
1.3.1 Pedagogia.....	11
1.3.2 psicologia.....	11
1.3.3 Psicanálise.....	12
1.3.4 Psicologia Social.....	12
1.3.5 Neuropsicológica.....	12
1.3.6 Psicolinguística.....	13
1.3.7 Fonoaudiologia.....	13
1.4 Definição do objeto de estudo da psicopedagogia.....	13
CAPITULO II	
2. A Psicopedagogia e a aprendizagem.....	16
2.1 Teorias da aprendizagem.....	16
2.2 A aprendizagem e a inteligência.....	18
2.3 Como se dá a aprendizagem.....	19
2.4 Sobre o problema de aprendizagem.....	19
CAPITULO III	
3. Contribuições da psicopedagogia.....	23
3.1 A contribuição psicopedagógica para as instituições escolares.....	23
3.2 Contribuições do psicopedagogo na relação escola-aprendizagem.....	25
3.3 Contribuições do psicopedagogo para a formação docente.....	27
3.4 Contribuições do psicopedagogo para o aprendiz.....	29
CONCLUSÃO.....	30
REFERENCIAS BIBIOGRAFIACAS.....	32
ANEXOS	
APENDICE	

RESUMO

Este trabalho apresenta as etapas desenvolvidas durante o processo de pesquisa científica, aplicada nas instituições públicas de ensino fundamental menor, da cidade de Luis Correia – PI. Inclui um estudo teórico a respeito da Psicopedagogia: seu contexto histórico nos âmbitos internacional e nacional, as teorias que embasaram seu processo de formação como área científica e seu objeto de estudo, que é o processo de aprendizagem do ser humano enquanto construtor do conhecimento de seu próprio conhecimento. Para uma melhor compreensão da Psicopedagogia como ciência, deu-se relevância ao estudo da aprendizagem, enfatizando seu contexto teórico, sua retenção pelo sujeito que se encontra em fase de desenvolvimento e os problemas ou distúrbios sofridos pela aprendizagem, principal foco de estudo da Psicopedagogia. Aborda, ainda, as contribuições psicopedagógicas para todos os envolvidos no processo de aprendizagem, que são: o aluno, a família, o professor e a escola.

Palavras-chave: Psicopedagogia, aprendizagem, contribuições

ABSTRACT

This paper presents the steps undertaken during the process of scientific research, applied in public institutions of elementary school child, the town of Luis Correia - PI. Includes a theoretical study on the Psicopedagogia: its historical context at the international and national levels, based on the theories that the process of training and science and its object of study, which is the learning process of human beings as constructor of knowledge of their own knowledge. For a better understanding of how Psicopedagogia science, has been studying the relevance of learning, emphasizing its theoretical context, its retention by the subject that is under development and the problems or learning disorders suffered by, the main focus of the study Psicopedagogia. Addresses, also, the contributions psychopedagogical for all involved in the learning process, which are: the student, family, teachers and schools.

Keywords: Psicopedagogia, learning, contributions

INTRODUÇÃO

O fracasso escolar e/ou problemas de aprendizagem é um enigma que tem chamado a atenção dos profissionais envolvidos no processo de aprendizagem e que vêem a educação não como mera transmissora de conhecimento, mas como formadora do ser humano em seus variados aspectos. Atualmente o baixo rendimento escolar, prioritariamente nas séries iniciais do ensino fundamental das escolas públicas, vem causando inúmeras discussões entre os profissionais da educação. E para compreender esse insucesso faz-se necessário levar em consideração a complexidade dos fatores que interferem no processo ensino-aprendizagem. Para tanto é imprescindível a busca de subsídios que ajudem a solucionar tal problemática. Diversos profissionais de diferentes áreas podem colaborar para a resolução ou minimização das dificuldades de aprendizagem apresentada pelos discentes. É nessa hora que entra em cena o Psicopedagogo, pois a psicopedagogia surgiu como uma área ocupada com as questões do aprendiz e de sua aprendizagem, respeitando sua subjetividade, nesse caso ela se torna uma ferramenta especial no combate às falhas das práticas pedagógicas. Contudo a realidade distorce a atuação da psicopedagogia, pois teoria e prática se desencontram, por não ser dada ao profissional psicopedagogo a oportunidade de defender e exercer sua função.

Diante disso realizamos um estudo sobre a relevância do psicopedagogo para o processo educativo, proporcionando a difusão do conhecimento psicopedagógico e sua contribuição para as instituições educacionais, comparando a relação entre teoria e prática, no intuito de expandir a perspectiva teórica e aplicada dos fundamentos psicopedagógicos para o avanço educacional. Nesse sentido analisamos qual o papel desempenhado pelo psicopedagogo para melhorar o processo educativo nas escolas públicas de ensino fundamental? Que se desdobrou na investigação e distinção da atuação do psicopedagogo nas instituições de ensino fundamental, e, ainda objetivamos provar para os profissionais da educação que a avaliação psicopedagógica é importante para solucionar os distúrbios de aprendizagem.

O estudo foi realizado por meio de uma pesquisa de campo, onde foram utilizados como instrumentos de coleta de dados o questionário e a entrevista, seguida de levantamento e análise crítica dos dados obtidos. O questionário foi direcionado para professores atuantes no 1º ano do ensino fundamental de 10% das escolas públicas da

cidade de Luis Correia (municipais e estaduais), porém percebeu-se a necessidade de incluir também os educadores atuantes nas turmas de 2º ano. Menos de um terço dos questionários foram aplicados de forma pessoal onde se pode tirar as dúvidas dos professores em relação a algumas questões garantindo uma melhor compreensão do tema em questão. A entrevista foi desenvolvida para os profissionais psicopedagogos, com o objetivo de obter mais fundamentos teóricos sobre o assunto, uma etapa realizada de forma impessoal com três especialistas em psicopedagogia.

Esta monografia está estruturada em três capítulos assim distribuídos.

No capítulo I, apresentamos uma abordagem do aspecto histórico da Psicopedagogia nos âmbitos internacional e nacional, de seu objeto de estudo e das teorias que influenciaram o pensamento psicopedagógico.

No capítulo II, fazemos referência ao processo de aprendizagem, por ser ela o objeto de estudo da Psicopedagogia. As teorias da aprendizagem, a inteligência e os distúrbios da aprendizagem são os tópicos abordados nesse capítulo.

No capítulo III apresentamos as contribuições do psicopedagogo para as instituições de ensino, para a relação escola/família, para a formação do docente e para o próprio sujeito em processo de aprendizagem.

CAPITULO I

1 – HISTORICO PSICOPEDAGÓGICO

1.1. O surgimento da Psicopedagogia

A Psicopedagogia surgiu no século XX na Europa, precisamente na França, por intermédio de um grupo formado por médicos, filósofos e educadores preocupados com crianças que apresentavam dificuldades na aprendizagem. Com o enfoque de sanar os problemas da aprendizagem J. Boutnier e George Mauco fundaram na Europa, em 1946, o primeiro Centro Psicopedagógico. Eles uniram conhecimentos da área de Psicologia, Psicanálise e Pedagogia, para tentar readaptar crianças com comportamentos socialmente inadequados tanto na escola como em casa e, atender crianças que mesmo sendo inteligentes tinham dificuldades de aprendizagem. Assim executaram as primeiras tentativas de articulação entre Medicina, Psicologia, psicanálise e Pedagogia, na solução dos problemas de comportamento e de aprendizagem. Nascia, na fronteira entre a Psicologia e a Pedagogia, uma nova teoria de caráter interdisciplinar.

A recém-nascida teoria teve uma trajetória significativa, tendo inicialmente um caráter médico-pedagógico, pois na década de 60, período de sua expansão e organização, os estudos psicopedagógicos se davam através de sondagens de aspectos do desenvolvimento físico e psicológico do aprendiz. O que significa que os psicopedagogos prendiam-se a uma concepção puramente patológica, porque seus diagnósticos acusavam que as crianças eram portadoras de Distúrbios Psiconeurológicos. Os estudiosos enfatizavam os conceitos de Disfunção Cerebral Mínima (DCM), como sendo os princípios responsáveis pela impossibilidade de algumas crianças.

As literaturas francesas lançadas sobre a nova temática influenciaram as idéias sobre a Psicopedagogia na Argentina e na década de 40, a Psicopedagogia aparece como uma disciplina curricular na recém-criada Faculdade de Salvador, Buenos Aires, vindo a tornar na Argentina no ano de 1956, em curso de graduação com um período de três anos.

Ainda no século XX, a educadora e psiquiatra italiana Montessori, também deu sua parcela de contribuição para a formulação da teoria psicopedagógica, criando um método de aprendizagem destinado, inicialmente às crianças com retardo mental, passou a

ser utilizado com crianças normais, sendo assegurado pela expressão: “o que é bom para o excepcional é excepcionalmente bom para o normal.

Ao longo dos estudos dentro do movimento psicopedagógico, os novos profissionais que surgiram não ficaram presos às correntes das idéias patológicas, alguns foram mais além para tentar explicar a Psicopedagogia dentro do enfoque educativo. Assim, com os avanços dos estudos e pesquisas a Psicopedagogia passa a receber influências da Psicanálise, da Neurologia, da Psicofisiologia, da Filosofia Humanística Existencial entre outras áreas.

1.2. A Psicopedagogia no Brasil

A Psicopedagogia foi introduzida no Brasil na década de 70, por meio de grandes nomes da Psicopedagogia Argentina, em especial Jorge Visca (1935 - 2000), que foi um pilar para a consolidação da Psicopedagogia Brasileira. Em 1979, com o apoio de Maria Alice Vassimon e Madre Cristine Sodré Dória, foi criado o primeiro Curso de Pós-graduação em Psicopedagogia em São Paulo. Como os profissionais desejavam avançar em seus estudos e prática na área, em 1980 fundaram a Associação estadual de Psicopedagogia – AEP, com o objetivo de promover cursos, palestras, conferências e seminários, para difundir os conhecimentos multidisciplinares da Psicopedagogia. Seis anos depois se transformou em Associação Brasileira de Psicopedagogia – ABPp.

Com a ABPp, Jorge Visca pode implementar em várias cidades brasileiras, Centros de Estudos Psicopedagógicos – CEPs, que tinham como objetivos difundir a Epistemologia Convergente da Psicopedagogia, e formar profissionais. Sendo que os CEPs do Rio de Janeiro e Curitiba foram os que mais se destacaram no seu funcionamento.

A preocupação com a expansão de Psicopedagogia e a má qualidade dos cursos de formação, levou a ABPp, em 1992, no seu II Congresso e V Encontro, declarar o Código de Ética¹ do Psicopedagogo. Apesar de no Brasil haver especialização e até mestrado em Psicopedagogia, a profissão não é reconhecida por lei. Os psicopedagogos lutam desde 1997 pela aprovação do projeto de lei nº 3124/97. Por tanto a regulamentação da profissão do psicopedagogo, contribui para a percepção global do fator educativo, para

¹ Código de Ética em anexo

a compreensão satisfatória dos objetivos da educação e da finalidade da escola, possibilitando uma ação transformadora.

A Psicopedagogia ainda está em processo de organização, devido a complexidade do seu objeto de estudo, necessitando do conhecimento de outras teorias, e em sua fundamentação, tomou por referências o construtivismo, o enfoque de Pichon Riviére (1907 – 1977) sobre o aprender como uma prática de grupo, as abordagens gestáltica-pedagógicas e as contribuições sobre a simbologia e as quatro funções de Jung. Contudo, ela vem se mostrando importante para a prática educativa à medida que contribui para a ampliação do conceito de aprendizagem em um tempo em que há constantes mudanças no acesso à informação das instituições e do próprio ser humano. A Psicopedagogia vê o sujeito como construtor de seu próprio processo de aprendizagem, sendo que ele parte de sua própria história de vida, da história familiar, social, cultural, entre outras.

1.3. Teorias que auxiliam a Psicopedagogia

1.3.1. Pedagogia

Ciência que tem com objetivo a reflexão, a ordenação, a sistematização e a crítica do processo educativo. Ela contribui com a Psicopedagogia através das diversas abordagens do processo ensino-aprendizagem, analisando-o do ponto de vista de quem ensina. A Psicopedagogia ainda herda da pedagogia, as indefinições e contradições de uma ciência cujos limites são os da própria vida humana.

1.3.2. Psicologia

A psicologia estuda o comportamento humano e seus processos mentais, ou seja, estuda o que motiva o comportamento humano, o que o sustenta, o que o finaliza e seus processos mentais que passam pela sensação, emoção, percepção, aprendizagem, inteligência. A Psicopedagogia herdou da psicologia o problema do paralelismo psicofísico, um dualismo que ora privilegia o físico ora o psíquico.

1.3.3. Psicanálise

A psicanálise estuda o mundo inconsciente, as representações profundas, operantes através da dinâmica que se expressa por sintomas e símbolos, permitindo levar em conta a fase desgastante do homem. Segundo Gibello (1986) as contribuições psicanalíticas à Psicopedagogia é a consideração dos distúrbios de aprendizagem como sintomas que tem sentido na vida psíquica. Paín (1992), seguindo esse pensamento propõe analogias entre a estrutura cognitiva (subjetividade) e simbólica (objetividade), responsáveis pelo pensamento. Assim, com pressupostos psicanalíticos, a Psicopedagogia pode lidar com o sujeito aprendente e facilitar-lhe uma relação consciente de que questões desconhecidas estão explícitas no não aprender ou na modalidade de aprendizagem.

1.3.4. Psicologia social

Ocupa-se da constituição dos sujeitos, que respondem às relações familiares, grupais e institucionais, em condições socioculturais e econômicas específicas e que constituem toda aprendizagem.

1.3.5. Neuropsicologia

Possibilita a compreensão dos mecanismos cerebrais que subjazem ao aprimoramento das atividades mentais, indicando a que correspondem organicamente todas as evoluções ocorridas no plano psíquico. Isto significa que a neuropsicologia avalia e trata indivíduos com problemas emocionais, comportamentais ou cognitivos decorrentes de doenças ou lesões no cérebro.

1.3.6. Psicolinguística

Analisa qualquer processo que diz respeito à comunicação humana, mediante o uso da linguagem, seja ela oral, escrita, gestual, etc. Além de estudar os fatores que afetam a decodificação, ou seja, as estruturas psicológicas que nos capacitam a entender expressões, palavras, orações, textos, etc.

A psicolingüística é o estudo das conexões entre a linguagem e a mente. Muitos teóricos afirmam que a psicolingüística é um ramo interdisciplinar da psicologia e da lingüística.

1.3.7. Fonoaudiologia

O atendimento fonoaudiológico visa reabilitar pessoas com déficit nas áreas da comunicação oral e escrita, da voz e audição.

1.4. Definições do objeto de estudo da Psicopedagogia

A Psicopedagogia é um novo conhecimento que nasce a partir da intersecção, é a própria intersecção. Isso significa que são selecionados conhecimentos específicos, outrora já mencionados, que colaboram na compreensão do objeto de estudo da psicopedagogia, que é o processo de aprendizagem, como se constrói o conhecimento. Ela é uma ação que surge desde conhecimento interdisciplinar, mas esta ação é voltada para subsidiar o sujeito cada vez mais em sua própria aprendizagem. Neste sentido, o processo de aprendizagem é que é estudado criteriosamente pela Psicopedagogia, bem como as dificuldades dela decorrentes.

O objeto de estudo é o processo de aprendizagem, ou seja, o processo utilizado pelo sujeito enquanto construtor de seu conhecimento. Algumas pessoas ao estudarem a aprendizagem, entendem que o contrario da aprendizagem não é a dificuldade de aprendizagem, mas o oposto da aprendizagem é a não aprendizagem.

O objeto de estudo da Psicopedagogia passou por fases distintas, sendo entendido de varias formas, dependendo do momento histórico e da variação da concepção de sujeito. Houve um tempo em que para o trabalho psicopedagógico, o objeto de estudo era o sujeito que não podia aprender. O psicopedagogo defendia a reeducação e o processo de aprendizagem era avaliado em função de seus déficits. Mais tarde, devido ao processo evolutivo na área de estudo, fundamentado na Psicanálise e na Psicologia Genética, o objeto de estudo passa a ser o sujeito aprendendo, pois o não - aprender não se opõe ao aprender, por sua vez carregado de significações, o que valoriza a concepção de que cada indivíduo ou grupo tem sua singularidade.

Atualmente, o objeto de estudo do Psicopedagogia é embasado em uma concepção de aprendizagem em que participam desse processo o ser biológico, afetivo intelectual, que interagem com o meio-influenciando e sendo influenciadas pelas condições socioculturais do sujeito e do seu meio.

Relataremos a definição do objeto de estudo do Psicopedagogia segundo o olhar de alguns autores citados por Bossa:

Para Kiguel (1991) o objeto central de estudo da psicopedagogia está se estruturando em torno do processo de aprendizagem humana: seus padrões evolutivos normais e patológicos – bem como a influencia do meio no seu desenvolvimento.

Neves (1991) afirma que a “psicopedagogia estuda o ato de aprender e ensinar, levando em conta as realidades interna e externa da aprendizagem, tomadas em conjunto. E, mais, procurando estudar a construção do conhecimento em toda a sua complexidade, procurando colocar em pé de igualdade os aspectos cognitivos, afetivos e sociais que lhe estão implícitos”.

Scoz (1992) diz que o processo de aprendizagem e suas dificuldades é o objeto de estudo da psicopedagogia, em que numa ação profissional deve englobar vários campos do conhecimento, integrando-os e sintetizando-os.

Já Golbert (1985), divide o objeto de estudo a partir de dois enfoques. Em um enfoque terapêutico, o objeto de estudo é a pessoa a ser educada, seus processos de desenvolvimento e as alterações de tais processos, focaliza as possibilidades do aprender. No outro enfoque, chamado de preventivo, o objeto a ser estudado está voltado para a identificação, análise elaboração de uma metodologia de diagnostico e tratamento das dificuldades de aprendizagem.

Segundo Rubinstein (1992), a partir do momento em que o foco de atenção passa a ser a compreensão do processo de aprendizagem e a relação que o aprendiz estabelece com a mesma, o objeto de estudo da psicopedagogia passa a ser mais abrangente: a metodologia é apenas um aspecto no processo terapêutico, e o principal objetivo é a investigação de etiologia da dificuldade de aprendizagem, bem como a compreensão do processamento da aprendizagem considerando todas as variáveis que intervêm neste processo.

Para o autor Weiss (1991), a psicopedagogia busca a melhoria das relações com a aprendizagem, assim como a melhor qualidade na construção da própria aprendizagem de alunos e educadores.

Para todos os autores mencionados, os problemas no processo de aprendizagem são a causa e a razão da psicopedagogia, isto é, todas as barreiras que interpõem à aprendizagem é o pilar da psicopedagogia.

CAPITULO II

2- A PSICOLOGIA E A APRENDIZAGEM

2.1. Teorias da aprendizagem

A aprendizagem é definida por diferentes teorias que foram ao longo dos anos construídas. Muitos pensadores, filósofos e psicólogos regeram seus estudos entorno do processo de desenvolvimento cognitivo do ser humano, analisando o aprimoramento do conhecimento, que tem como consequência a aprendizagem.

O processo de aprendizagem, já desde a Grécia Antiga, foi alvo de interesse. O próprio filósofo Aristóteles formulou sua tese, de que o principio do aprendizado seria a imitação, onde os bons hábitos se formavam nas crianças pelo exemplo dos adultos.

John Locke (1632/1704), em suas investigações concebeu um aprendizado coerente, isto é, o processo de aprendizado depende especialmente das informações e vivências em que o sujeito é submetido e que ele absorve de modo previsível e passivo, o que significa que o aprendizado ocorre de fora para dentro. O que posteriormente irá ser negado por Pestalozzi (1746/1827), pois para ele o individuo conduz seu próprio processo de aprendizado, embasando-se na experimentação da prática e da vivência intelectual, sensorial e emocional do conhecimento. Pestalozzi defendeu o pensamento de que a criança tem potencialidades inatas que são desenvolvidas até a maturidade.

Para os psicólogos behavioristas² a aprendizagem significa modificação de comportamento ou aquisição de novas respostas ou reações, e esse fenômeno resulta do processo de condicionamento, teoria de Pavlov. Assim a aprendizagem consiste em condicionar respostas a partir de reações do individuo a estímulos do meio, sendo que essa aprendizagem é passiva, sem levar em consideração os processos mentais que ocorrem no aprendiz.

Os teóricos gestálticos³ afirmam que a respostas, valorizada pelos behavioristas como parte integral do processo, é ponto de referência que indicará se houve aprendizagem. A gestáltica é a teoria da percepção, e para ela há vários modos de

² A escola behaviorista é constituída por estudiosos que consideram a psicologia como a ciência do comportamento

³ Psicologia Gestáltica é o nome de uma escola psicológica, fundada pelos cientistas Max Wertheimer, Wolfgang Kohler e Kurt Kofka, na Alemanha em 1910

aprender: por graduação, onde o indivíduo estabelece relação de graduação entre várias partes da coisa percebida. Por diferenciação, pois o indivíduo destaca do todo uma parte do objeto que está percebendo. Pela assimilação que ocorre em continuidade da aprendizagem por diferenciação, em que a parte percebida do objeto torna-se figura, que reunida a outras figuras, também diferenciadas, gera uma nova estrutura pelo processo de assimilação. Outro modo de aprender é por meio da redefinição que é a percepção de um estímulo de modo inteiramente novo dependendo da situação total em que o objeto de aprendizagem se apresenta. Na teoria gestáltica a aprendizagem ocorre do simples para o composto.

Segundo a abordagem cognitiva⁴, a aprendizagem pode ser mecânica, que seriam as novas informações não associadas a conceitos já existentes na estrutura cognitiva. E significativa, onde a aprendizagem é alcançada pelo relacionamento entre um novo conteúdo e conceitos já associados á estrutura cognitivista, sendo assimilado. Os conceitos já estabelecidos tornam-se pontos de ancoragem, ou seja, um referencial para a assimilação de novos conhecimentos.

Para os construtivistas⁵ o sujeito constrói seu próprio conhecimento, e esse é construído ativamente, onde a interpretação da nova experiência é influenciada pelo conhecimento prévio, isso mostra que a aprendizagem não é um fato isolado, mas que requer compreensão do todo. Essa teoria foi basicamente defendida por Piaget (1896 – 1980), recebendo contribuições de Vigotsky (1896 – 1934) e Wallon (1879 – 1962).

Para Vigotsky o que caracteriza o processo ensino-aprendizagem são as relações sociais e que o desenvolvimento se dá de fora para dentro. Com base nisso ele construiu o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), ou seja, distância entre nível de desenvolvimento real e nível de desenvolvimento potencial, chegando assim a solução de problemas. Isto quer dizer, que para Vigotsky, as relações que existem entre aprendizagem e desenvolvimento são indissolúveis.

A teoria de Jean Piaget é considerada construtivista por trabalhar investigações sobre o mecanismo de transição que explicam a evolução do desenvolvimento cognitivo. Para Piaget, durante a vida o homem passará por diferentes estágios de desenvolvimento (sensório-motor, pré-operatório, operações concretas, operações formais). Observando

⁴ A Teoria Cognitiva foi criada pelo suíço Jean Piaget para explicar o desenvolvimento cognitivo humano.(<http://PT.Wikipédia.Org/wiki/Teoria-cognitiva>)

⁵ Concepção teórica que parte do princípio de que o desenvolvimento da inteligência é determinado pelas ações mutuas entre o indivíduo e o meio. (NOVA ESCOLA. AGOSTO 1996).

todo esse processo Piaget formulou referencias que serviriam para Emilia Ferreiro desenvolver a teoria do processo de aprendizagem da escrita.

Todas as teorias da aprendizagem se preocupam em responder a duas perguntas fundamentais: “qual a natureza do conhecimento?” e “como ocorre a aprendizagem?”.

2.2. A aprendizagem e a inteligência

Não há uma definição concreta para a inteligência, podendo significar muitas cosas diferentes para a maioria das pessoas. Para alguns autores a definição da inteligência é a capacidade de aprender.

A inteligência é determinada pela hereditariedade e pelo meio ambiente, sendo que ambos influenciam 100% na inteligência, e nenhum deles pode por si só dá contribuições para a inteligência, mas se associado um ao outro num processo multiplicativo determina a inteligência.

A inteligência pode ser entendida como aptidões, ou seja, há pessoas que tem habilidade para lidar com símbolos, outras têm percepção aguçada e capacidade inventiva. E outras se destacam nas atividades pessoais e sociais. Isso é comprovado através das pesquisas que estabeleceram relações entre a inteligência e variáveis físicas, culturais, sociais e a própria personalidade do sujeito.

Estudos feitos por Wallon em crianças entre 6 e 9 anos, revelaram que o desenvolvimento intelectual depende essencialmente de como cada uma faz as diferenciações com a realidade exterior, isto é, o confronto entre dois mundos (o interior e o real) gera o sincretismo, fator determinante do desenvolvimento intelectual.

Em uma das definições sobre a inteligência, a aprendizagem aparece como resposta, pois a inteligência é concebida como uma capacidade global do individuo que se expressa pela sua facilidade em aprender, atuar efetivamente sobre o meio e pensar abstratamente.

A dificuldade de memória, de percepção, de integração ou de emissão da informação pode ser considerada dificuldade de aprendizagem. O que não quer dizer que a criança com problemas de aprendizagem não seja inteligente. Mas os fatores causadores da dificuldade bloqueiam a inteligência.

2.3. Como se dá a aprendizagem

A aprendizagem nunca é tida como acabada, pois até mesmo os adultos continuam a desenvolvê-la quando confronta novas idéias com os conhecimentos anteriores, o que significa que as aprendizagens anteriores são modificadas a partir de novas experiências.

Ela é um processo que se revela como individual ou social. A aprendizagem é individual, pois mesmo reunido em grupo cada indivíduo processa-a de forma diferente, trazendo para cada situação uma combinação única de experiências anteriores. A aprendizagem como processo social se faz quando partilhamos a aprendizagem com outros.

Aprender pode ser difícil e ao mesmo tempo agradável, como afirma Laura Monte Serrat Barbosa (2006, p.28):

Aprender é uma ação que supõe uma dor simbólica, já que provoca uma modificação no aprendiz. A pessoa deixa de ser o que era, sempre que aprende algo, e por isso precisa lidar constantemente com a frustração.

A aprendizagem se torna prazerosa e agradável quando desdobramos a dor simbólica da perda e transformamos a frustração em saberes percebidos. Nesse sentido a aprendizagem significa mudança, pois quando entramos em contato com o objeto da aprendizagem abandonamos convicções profundamente enraizadas. Esse processo é obtido através da experiência construída por fatores emocionais, neurológicos, relacionais e ambientais.

2.4. Sobre os problemas de aprendizagem e as intervenções necessárias

Para uma melhor compreensão do que sejam problemas de aprendizagem, citaremos algumas expressões.

O termo “deficiências de aprendizagem” refere-se à incapacidade intelectual, abrangendo os retardos mentais, porém não inclui indivíduos de aprendizagem lenta.

Já a expressão “dificuldades de aprendizagem” abrange pessoas que apresentam resultado insuficiente na aprendizagem e cuja causa está relacionada ao meio.

“Distúrbios de aprendizagem” estão enquadrados especificamente dentro de alterações neuropsicológicas. São manifestados apenas em uma ou poucas habilidades. Os

distúrbios são disfunções cerebrais tanto de causas genéticas quanto adquiridas que impedem o perfeito funcionamento cerebral.

A não distinção clara entre o que sejam distúrbios. Problema ou dificuldade de aprendizagem gera certa acomodação por parte dos que detectam o problema excluindo suas responsabilidades no processo de recuperação dos indivíduos afetados.

Escolhemos o termo distúrbios de aprendizagem para a compreensão dos problemas de aprendizagem, pois engloba crianças que apresentam dificuldades de aquisição de matéria teórica, mesmo tendo uma inteligência normal, não demonstrando desfavorecimento físico, emocional ou social. Nesse caso o distúrbio não é uma deficiência irreversível, mas sim uma forma de imaturidade que necessita de atenção e métodos de ensino diferenciado. Os distúrbios de aprendizagem são classificados em duas categorias:

- Distúrbios de aprendizagem acadêmica: bloqueio na assimilação da aprendizagem no campo da leitura, escrita ou computação aritmética. São chamados de acadêmicos, pois ocorrem no nível da idade escolar.
- Distúrbios de aprendizagem relativos ao desenvolvimento: alterações no percurso do desenvolvimento de habilidades que funcionam como pré-requisito.

Direcionamos nosso olhar para os distúrbios de aprendizagem acadêmica, por ser essa a que está diretamente ligada ao processo de aprendizagem.

No campo da leitura e escrita temos os problemas de Dislexia e Disgrafia. A primeira refere-se à falha no processamento da habilidade de leitura e escrita durante o desenvolvimento. Perelló⁶ defini-a como “dificuldade para compreender a linguagem escrita, sem que se apresente como causa desta dificuldade, uma deficiência intelectual grave ou problema grave de visão. Basicamente é uma dificuldade para extrair sinais escritos ou impressos, um significado.”

A Disgrafia é um distúrbio ligado ao ato de escrever, seja por dificuldade motora ou por confusões na organização mental do símbolo gráfico.

A Discalculia refere-se à falha na aquisição de capacidade a na habilidade de lidar com conceitos e símbolos matemáticos. O homem já possui conceitos numéricos antes mesmo de desenvolver símbolos para expressar as idéias de quantidade, ao relacionar o conceito de linguagem interna à aritmética, nos preocupamos com a capacidade da criança em compreender as experiências necessárias ao pensamento quantitativo. Piaget

⁶ Perelló, Apud Santos. Dislexia Especifica de evolução. 1986, p.3.

(1953)⁷ afirma que era um erro supor que a criança poderia adquirir a noção de número simplesmente através do ensino e nos alertara para o fato de que quando os adultos tentam impor às crianças conceitos matemáticos antes de estarem prontas, suas aprendizagens se tornam simplesmente verbais.

O insucesso na aquisição da aprendizagem matemática pode ter varias causas, que vai desde a oferta de ensino inferior a capacidade intelectual limitada. Também incluímos as disfunções do sistema nervoso central como fator causador da discalculia.

Não são somente esses os problemas de aprendizagem, existem outros mais que interrompem tal processo. Em sua atuação, o psicopedagogo precisa estar atento a outros fatores que interferem na construção do conhecimento do aprendente. Esboçaremos seis fatores que podem agir como bloqueadores da aprendizagem.

- Fatores de natureza física

Para aprender é necessário que o equipamento físico e orgânico esteja íntegro, ou seja, um indivíduo doente não apresenta a mesma capacidade de responder aos estímulos numa situação de aprendizagem, que um indivíduo normal.

- Fatores de natureza cognitiva e maturacional

A aprendizagem está condicionada à maturação do indivíduo. A dificuldade pode surgir quando o processo maturacional do indivíduo que tem o seu ritmo próprio, não é valorizado dentro do contexto de ensino.

- Fatores de natureza emocional

As emoções são de grande importância na aprendizagem. Em uma dosagem exagerada (ansiedade, depressão, etc.) pode interferir na capacidade do indivíduo em perceber outros estímulos condicionantes da aprendizagem. Neste caso é necessária a execução de procedimentos de reeducação em relação a esses aspectos. Por outro lado as emoções, ponderadas, podem gerar uma aprendizagem condicionada.

- Fatores de natureza pedagógica

Aceleração da aprendizagem sistemática desrespeitando as etapas individuais de aprendizagem, pela preocupação em cumprir programas curriculares e planejamentos, além de padrões avaliativos rígidos que valorizam o procedimento quantitativo e não o qualitativo.

- Fatores lingüísticos

⁷ Piaget. Apud Kamil. Reinventando a aritmética: implicações da teoria de Piaget. Campinas, SP: Papirus, 1991, p.24.

A decodificação mecânica no processo lingüístico fragmentado à compreensão e envolvimento do sujeito com a leitura e escrita. Metodologias que privilegiem a linguagem devem ser priorizadas para prevenir ou minimizar o fracasso da aprendizagem escolar

- Fatores ambientais

Para haver aprendizagem faz necessário que o sujeito seja ativo. Se o ambiente escolar for desafiador, provocará no aprendente uma atitude ativa. Caso contrário, se a escola for super-protetora levará o indivíduo a acomodação.

Há inúmeros fatores que intervém no processo de aprendizagem. Como já nos referimos, alguns são de ordem afetiva, administrativa ou metodológica. Nesse ponto, é preciso saber como se ensina, e é neste foco que a avaliação psicopedagógica intervém com o objetivo de prevenir os problemas de aprendizagem, garantindo assim o pleno sucesso do processo de ensino-aprendizagem.

CAPITULO III

3. CONTRIBUIÇÕES DA PSICOPEDAGOGIA

Cada indivíduo tem seu ritmo próprio de aprender, uns agrupam e associam novos conhecimentos com mais rapidez enquanto que outros apresentam lenta conclusão do processo de aprendizagem. Neste ponto, muitos profissionais da educação adotam esse fenômeno como explicador dos grandes males da educação, isto é não formulam técnicas didáticas para suprir a carência daqueles que são desprovidos de assimilação rápida. E isso pode gerar o fracasso escolar, que por sua vez, intervém como fator estruturador de um problema de aprendizagem.

A dificuldade apresentada como lentidão no processamento de novos conhecimentos, só é motivo de preocupação quando se torna intensa e freqüente a ponto de gerar grandes obstáculos que impeçam ou dificultem a aprendizagem do indivíduo. Quando isso ocorre, um acompanhamento especializado é a solução. E a Psicopedagogia é a ferramenta mais indicada.

A Psicopedagogia junto com a educação vem instruir caminhos que liguem o saber ao não saber, através de fatores opostos, como acesso ao conhecimento e a falta do mesmo, a facilidade e a dificuldade, a rapidez e a lentidão. A Psicopedagogia, embora sendo uma área de conhecimento recente, é uma área responsável pela aprendizagem que tem muito a aprender e contribuir.

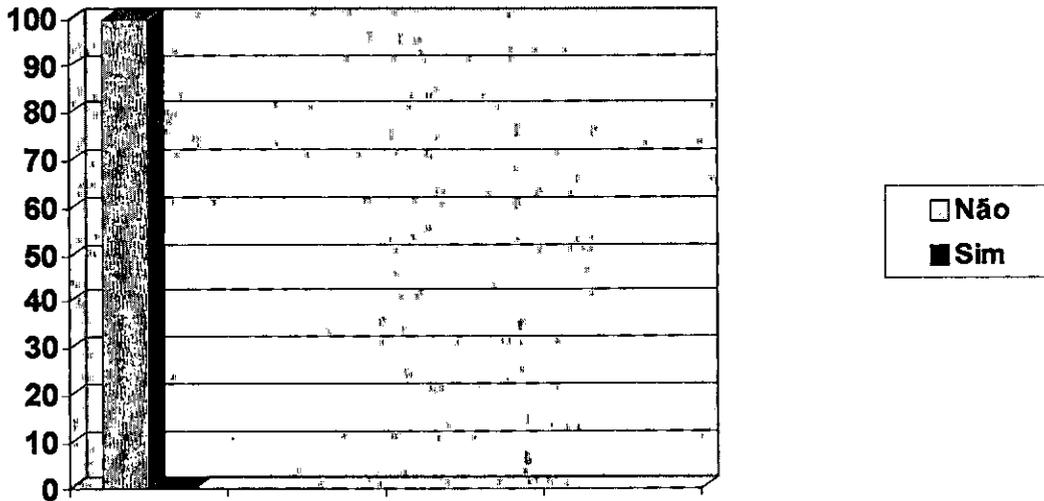
3.1. A contribuição psicopedagógica para as instituições escolares

O principal objetivo da educação é a auto-realização. São elaboradas metas educativas, projetos, diretrizes curriculares na tentativa de melhorar a educação brasileira, muitos desses projetos não adquirem sucesso, mas afinal, onde estaria o problema?. Nas políticas publicas!? Nos currículos pedagógicos!? Nos educadores!? Ou Nos educandos!?.

Para o processo de intervenção psicopedagógica, todos esses elementos servem de orientação para detectar a raiz do problema da dificuldade de aprendizagem. O que revela quão necessário é a presença do Psicopedagogo nas instituições escolares, porém a pesquisa realizada mostrou que isso está muito longe da realidade das escolas publicas de

ensino fundamental menor. O dado abaixo enfatiza claramente que nas escolas de Luis Correia, não há atuação psicopedagógica:

Na escola onde você atua há atuação psicopedagógica?



A avaliação psicopedagógica serve para orientar o processo educacional em seu conjunto, facilitando a tarefa dos professores que trabalham cotidianamente com o aprendiz, mas infelizmente todos os entrevistados declararam que nas escolas onde atuam não há uma atuação psicopedagógica.

Segundo Nadia Bossa (1994), o psicopedagogo tem muito a fazer dentro da instituição escolar. Essa atuação é caracterizada pela própria intencionalidade do trabalho, que por ser preventivo acompanha o desenvolvimento da aprendizagem do sujeito no universo escolar.

O psicopedagogo contribui com a escola e professores, por meio do seu trabalho preventivo, orientando pais e educadores, modificando o currículo, de modo que seja adequado ao sujeito com dificuldades, interfere no processo metodológico, acompanhando-o e sugerindo estratégias de apoio necessário para cada educando com dificuldade, Bossa (1994) esclarece a atuação do Psicopedagogo quando afirma:

(...) cabe ao psicopedagogo perceber eventuais perturbações no processo de aprendizagem, participar da dinâmica da comunidade educativa, favorecendo a integração, promovendo orientações metodológicas de acordo com as características e particularidades dos indivíduos do grupo, realizando processos

de orientação, já que no caráter existencial, o psicopedagogo participa de equipes responsáveis pela elaboração de planos e projetos no contexto teórico/prático das políticas educacionais, fazendo com que os professores, diretores e coordenadores possam repensar o papel da escola frente a sua docência e as necessidades individuais de aprendizagem da criança ou do próprio docente.

O psicopedagogo alcança seus objetivos quando abre espaço para que a escola viabilize recursos para atender às necessidades de aprendizagem.

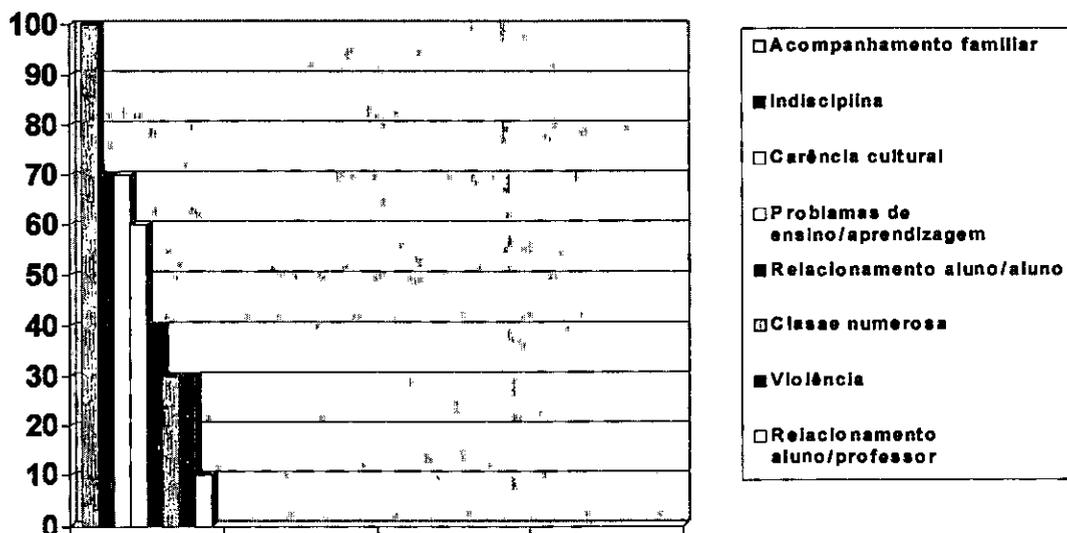
3.2. Contribuições do psicopedagogo na relação escola/família

O teórico Piaget coloca que o primeiro passo para o início da aprendizagem na criança é a imitação. Imitar o adulto é o ponto de partida para que a criança aprenda o que não significa que o processo de ensino/aprendizado seja conduzido pela reprodução.

Segundo o pensamento piagetiano o seio familiar é considerado o pilar da aprendizagem. Essa aprendizagem é chamada de aprendizagem assistemática, pois não é planejada, ocorrendo de forma livre. Por ser o pilar, ela se torna marcante para todo o processo de aquisição de conhecimento que se dará ao longo da vida. O controle dos instintos humanos requer uma família disponível e consciente de sua responsabilidade para preparar a criança a assumir seu lugar na sociedade. A LDB (art.2º) faz referência a esse ponto:

A educação, dever da família e do estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A realidade da relação escola/família deixa muito a desejar, pois a família tem se mantido à margem do processo educativo das crianças. Comprovou-se isso quando em nossa pesquisa, questionamos quais os problemas mais frequentes no cotidiano escolar, e dos oito tópicos apresentados, o mais apontado foi à falta de acompanhamento familiar: Quais os problemas mais enfrentados no cotidiano da escola onde você atua?



As famílias modernas não estão sabendo lidar com novas situações: pais que trabalham o dia todo fora, pais que brigam o tempo todo, pais desempregados, pais usuários de drogas, pais analfabetos, pais separados, mães solteiras e crianças criadas pelos avôs. Todos esses problemas são transferidos para a criança, o que ocasionam um processo de necessidades e dificuldades de aprendizagem. Nesses casos toda responsabilidade acaba sendo depositada na escola.

Diante dessa problemática, a intervenção psicopedagógica se torna necessária e eficaz, pois amplia a percepção sobre os problemas de aprendizagem, resgatando a família no papel educacional, isto é, busca as relações familiares com a autorização do saber, no acreditar nas possibilidades do sujeito e pensando as dificuldades de aprendizagem à luz das relações familiares.

O psicopedagogo contribui com sua intervenção junto à família das crianças com dificuldades, através de entrevistas e análises com essa família, para tomar conhecimento de informações sobre sua vida orgânica, cognitiva, social e emocional. Conhecer esses fatores é de suma importância para o psicopedagogo chegar a um diagnóstico. A intervenção promove a inclusão dos pais no processo, através de reuniões, possibilitando o acompanhamento do trabalho junto aos professores. A participação dos pais no processo educacional de seus filhos, dentro das novas orientações psicopedagógicas é considerada inquestionável e fundamental.

3.3. As contribuições do psicopedagogo para a formação do docente

É de consenso que as pessoas aprendam sempre que se disponham a isso e encontrem alguém que queira ensiná-las, alguém que tenha competência e conhecimento para colocar-se como mediador nessa empreitada, logo, depois da família. O professor é o principal agente capaz de orientar a aprendizagem, ajudar a formular conceitos, a despertar as potencialidades inatas dos indivíduos. Este mesmo educador também pode ser um dos fatores responsáveis pelo fracasso escolar dependendo do seu comportamento mediante o educando.

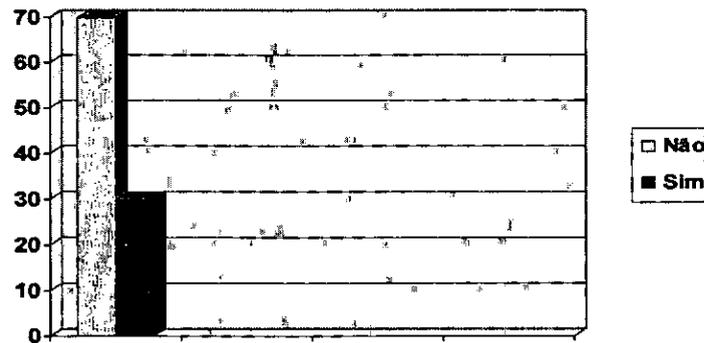
No cenário atual o professor passa por um período de desvalorização, tanto na área de formação quanto na atuação profissional. Já no cenário educacional, as propostas para a formação docente proliferam, porém com aspectos curriculares e disciplinares que fazem dos educadores meros aplicadores de técnicas, normas, diretrizes e decisões político-culturais. E nesse contexto educacional a identidade do professor é deixada às margens dos grandes projetos governamentais.

Ultimamente, o papel do professor tem sido tema de muitos trabalhos científicos, com o objetivo de mostrar ao professor que ele é capaz de pensar sua tarefa e não apenas executá-la. O professor é um dos sujeitos do processo ensino-aprendizagem, que ao romper as incertezas pela discussão do seu saber entra em desequilíbrio quando tem que cumprir projetos e leis.

O papel do professor no processo de aprendizagem é importante, como afirma Coll (1990): “no processo de ensino e aprendizagem o papel ativo do aluno na construção do conhecimento é tão importante quanto o apoio que lhe presta o professor”. Dessa forma o educador exerce uma influência eficaz entendida como uma ajuda constante e interna no processo de construção realizada pelo educando.

A função do professor, que também não deixa de ser um desafio, consiste em criar condições que propiciem a aprendizagem, vista como o principal fator do processo de desenvolvimento. Quando esse processo é interrompido pelo surgimento de alguma dificuldade, logo os professores se vêm fazendo a seguinte pergunta: “o que fazer para ajudar esse aluno?”. Em nossas pesquisas conclui-se que os alunos com problemas de aprendizagem não recebem nenhum acompanhamento específico e, muito menos os professores, como nos mostra o gráfico abaixo:

Você em sua atuação frente ao surgimento de algum problema de aprendizagem teve algum acompanhamento psicopedagógico?



Segundo a teoria psicopedagógica o problema de aprendizagem envolve tanto o educando quanto o educador. Diante do surgimento do problema de aprendizagem o professor também deve ser acompanhado pelo psicopedagogo, porém 70% dos educadores entrevistados afirmaram que não tiveram nenhum tipo de acompanhamento psicopedagógico frente aos distúrbios e 30% disseram ter tido um acompanhamento camuflado.

Esses dados refletem a realidade de que a concepção do processo atual de ensino/ aprendizagem necessita de mudanças importantes no modelo de avaliação das necessidades educativas dos alunos.

No processo de avaliação psicopedagógica o professor passa a ocupar um lugar de primeira ordem, além de ser o responsável pelas diversas medidas de apoio que eventualmente sejam necessárias, logo o professor deve receber orientações psicopedagógicas, o que irá oferecer subsídios para a postura do professor reconhecer sua modalidade de aprender.

A psicopedagogia mediante o processo de formação do docente ocupa-se em investigar, analisar e realizar novas propostas para uma formação que considere os aspectos transferenciais do sujeito, apresentando-o, integrando-o e posicionando-o no futuro mercado de trabalho.

3.4. Contribuições do psicopedagogo para o aprendiz

A aprendizagem ocorre pelo desequilíbrio que surge quando nos deparamos com algo novo, ainda desconhecido. Esse desequilíbrio traz dificuldade, que fazem parte

do processo de aprender, essa dificuldade passa a ser preocupante quando se tornam intensa e freqüente, gerando inibição no processo de aprendizagem. Quanto à dificuldade Laura Monte Serrat Barbosa (2006) declara:

A presença de um obstáculo no processo de aprendizagem não indica a existência de dificuldades permanentes, mas sim, a forma que o sujeito encontrou de auto-regular seus esquemas de aprendizagem. Neste sentido, a busca da superação desses obstáculos deve acontecer não como uma proposta de cura, mas como um encontro para a ampliação de recursos a serem utilizados neste movimento de busca de equilíbrio e de auto-regulação

Nesse sentido o professor é a chave que pode reverter esse quadro, através da interpretação e compreensão do processo que perpassa o educando, promovendo o despertar do interesse pela motivação. Quando o professor fracassa nesse objetivo, até mesmo por não ter conhecimentos interdisciplinares amplos (cognitivos, orgânicos, etc.), o psicopedagogo, é o profissional mais adequado para compreensão do contexto no qual ocorre a dificuldade de aprendizagem no aprendiz.

Em um primeiro plano o psicopedagogo procurará compreender como ocorre a aprendizagem. Para isso ele pode pedir ao aprendiz falar como é o seu particular modo de perceber o mundo, para daí poder investigar como o sujeito está construindo seu conhecimento. O outro passo é avaliação psicopedagógica orientada para identificar as necessidades dos alunos em relação aos apoios pessoais e materiais necessários para estimular esse processo de desenvolvimento.

CONCLUSÃO

A psicopedagogia surgiu da necessidade de compreender todo o processo de aprendizagem desenvolvido pelo ser humano. Sua teoria é um caldeirão teórico - científico, ou seja, é uma área interdisciplinar por se utilizar de conhecimentos de diversos campos teóricos que se fundamentam no estudo do ser humano como sujeito orgânico, psíquico, cognitivo, intelectual e social.

A psicopedagogia se ocupa em esclarecer os porquês do não aprender, sendo que um dos seus objetivos é ampliar o conceito de aprendizagem, e para isso deve haver uma compreensão de como ela se processa.

Assim, como há fatores que ajudam na decodificação da aprendizagem por parte do aprendiz, há também aqueles que servem como geradores de barreiras que interferem na capacidade de assimilação do conhecimento. É nesse ponto que o psicopedagogo intervém, pois as dificuldades ou distúrbios da aprendizagem é prioritariamente o seu objeto de estudo.

Cada indivíduo possui um jeito singular e próprio de aprender. Contudo a aprendizagem não é um fator isolado e, para que ela ocorra é necessária a participação tanto do sujeito que aprende quanto daqueles que proporcionam o aprender. E sabendo deste fator, o psicopedagogo em sua intervenção, busca a integração de todos os sujeitos envolvidos nesse processo.

As contribuições do psicopedagogo para o processo educativo do ensino fundamental (modalidade de ensino que mais apresenta problemas de aprendizagem) são significativas. As contribuições abrangem o fator familiar, pois o psicopedagogo resgata o papel da família como primeira instância da aprendizagem.

A psicopedagogia contribui com o aprendente que apresenta dificuldades, pelo despertar da sua potencialidade, fazendo com que o aluno tenha conhecimento do céu próprio processo de aprendizagem.

Na área institucional (englobamos aqui tanto o professor quanto o gestor) a psicopedagogia dá sua contribuição por meio de acompanhamento dos professores, e mudanças nos processos curriculares e metodológicos. O psicopedagogo contribui para a instituição em si quando analisa e modifica os currículos e avaliações. O professor recebe essa contribuição quando recupera o prazer de ensinar e aprender.

Como resultado as nossas abordagens, temos a negação de todas as hipóteses, levantadas como resposta a nossa problemática, pois como o psicopedagogo poderá perceber-se como colaborador ativo para melhorar o processo educativo e colaborar com o trabalho do docente ou auxiliar a equipe escolar na identificação dos problemas de distúrbios de aprendizagem, ou ainda, promover orientações metodológicas, pedagógicas e familiares, dependendo das características do indivíduo afetado, propondo novas alternativas de ação voltadas para melhorar a prática educativa, se o mesmo não é requisitado nas instituições públicas de ensino fundamental?

As abordagens feitas em todo transcorrer desse estudo não estão prontas e acabadas, não se limitam, até porque a psicopedagogia é um campo de estudo recente, em fase de exploração, logo, estão abertas para estudos posteriores que complementem nossas idéias e expanda os fundamentos psicopedagógicos.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUON, beate/ STOEBER, Isa s. / FELICE, Zuleica P.. Família e escola: uma parceria possível: Viver, p. 18, Jul/ 99.

BARBOSA, Laura Monte Serrat. Psicopedagogia: um diálogo entre a psicopedagogia e a educação. 2ed.reb. e ampl. Curitiba: Bolsa Nacional do livro, 2006.

CÓRIA – SABIN, Maria Aparecida. Psicologia aplicada a educação. São Paulo: EPV, 1986.

COSTA, Auredite Cardoso. Psicopedagogia e psicomotricidade: pontos intersecção nas dificuldades de aprendizagem. Própolis, RJ: vozes, 2001.

BIGGE, Morio L.. Teorias da aprendizagem para professores: tradução; José Augusto da Silva Pontes Neto e marcos Antonio Rolfini. Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

BOSSA, Nádia A.. A psicopedagogia no Brasil. Porto Alegre: Artmed, 2000.

BRASIL. Leis de diretrizes e Base. Brasília. MEC, 1996.

CÓDIGO DE ÉTICA DA ABPp. Associação brasileira de psicopedagogia. Estatuto da **ABPp**, 1996.

FOGALI, Eloisa Quadros. Múltiplas faces do aprender: novos paradigmas da pós-modernidade. 2 ed. São Paulo, Artmed, 2004.

MORA , Estela. Psicopedagogia infanto – adolescente. MMVIII Ed. Grupo Cultural.

PAROLIN, Isabel. Aprendizagem: um olhar psicopedagógico: Mundo Jovem, Nº 397, ano 47, p. 5, Jun/ 2009.

PINHEIRO, Niusarte Virginia : O professor pode ser fonte de motivação para o aluno: Mundo Jovem, Nº 393, ano 47, p. 7, fev/ 2009

REVISTA PSIQUE. Edição especial, n 2. Ano 1. São Paulo: Escala

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. Especialização em psicopedagogia: fundamentos da psicopedagogia. Parnaíba, 2003.

_____ . Especialização em psicopedagogia: psicopedagogia II. Parnaíba, 2003

ANEXO



CÓDIGO DE ÉTICA DA ABPp -

Associação Brasileira de Psicopedagogia

Elaborado pelo Conselho Nacional do Biênio 91/92 e

Reformulado pelo Conselho Nacional e Nato do Biênio 95/96

CAPÍTULO I DOS PRINCÍPIOS

Artigo 1º

A Psicopedagogia é um campo de atuação em educação e saúde que lida com o processo de aprendizagem humana; seus padrões normais e patológicos, considerando a influência do meio - família, escola e sociedade - no seu desenvolvimento, utilizando procedimentos próprios da Psicopedagogia.

Parágrafo Único

A intervenção psicopedagógica é sempre da ordem do conhecimento relacionado com o processo de aprendizagem.

Artigo 2º

A Psicopedagogia é de natureza interdisciplinar. Utiliza recursos das várias áreas do conhecimento humano para a compreensão do ato de aprender, no sentido ontogenético e filogenético, valendo-se de métodos e técnicas próprias.

Artigo 3º

O trabalho psicopedagógico é de natureza clínica e institucional, de caráter preventivo e/ou remediativo.

Artigo 4º

Estarão em condições de exercício da Psicopedagogia os profissionais graduados em 3º grau, portadores de certificados de curso de Pós-Graduação de Psicopedagogia, ministrado em estabelecimento de ensino oficial e/ou reconhecido, ou mediante direitos adquiridos, sendo indispensável submeter-se à supervisão e aconselhável trabalho de formação pessoal.



Artigo 5º

O trabalho psicopedagógico tem como objetivo: (1) promover a aprendizagem, garantindo o bem-estar das pessoas em atendimento profissional, devendo valer-se dos recursos disponíveis, incluindo a relação interprofissional; (2) realizar pesquisas científicas no campo da Psicopedagogia.

CAPÍTULO II DAS RESPONSABILIDADES DOS PSICOPEDAGOGOS

Artigo 6º

São deveres fundamentais dos psicopedagogos:

- a) Manter-se atualizado quanto aos conhecimentos científicos e técnicos que tratem do fenômeno da aprendizagem humana.
- b) Zelar pelo bom relacionamento com especialistas de outras áreas, mantendo uma atitude crítica, de abertura e respeito em relação às diferentes visões de mundo.
- c) Assumir somente as responsabilidades para as quais esteja preparado dentro dos limites da competência psicopedagógica.
- d) Colaborar com o progresso da Psicopedagogia.
- e) Difundir seus conhecimentos e prestar serviços nas agremiações de classe sempre que possível.
- f) Responsabilizar-se pelas avaliações feitas, fornecendo ao cliente uma definição clara do seu diagnóstico.
- g) Preservar a identidade, parecer e/ou diagnóstico do cliente nos relatos e discussões feitos a título de exemplos e estudos de casos.
- h) Responsabilizar-se por crítica feita a colegas na ausência destes.
- i) Manter atitude de colaboração e solidariedade com colegas sem ser conivente ou acumpliciar-se, de qualquer forma, com o ato ilícito ou calúnia. O respeito e a dignidade na relação profissional são deveres fundamentais do psicopedagogo para a harmonia da classe e a manutenção do conceito público.



CAPÍTULO III DAS RELAÇÕES COM OUTRAS PROFISSÕES

Artigo 7º

O psicopedagogo procurará manter e desenvolver boas relações com os componentes das diferentes categorias profissionais, observando, para este fim, o seguinte:

- a) Trabalhar nos estritos limites das atividades que lhe são reservadas.
- b) Reconhecer os casos pertencentes aos demais campos de especialização, encaminhando-os a profissionais habilitados e qualificados para o atendimento.

CAPÍTULO IV DO SIGILO

Artigo 8º

O Psicopedagogo está obrigado a guardar sigilo sobre fatos de que tenha conhecimento em decorrência do exercício de sua atividade.

Parágrafo Único

Não se entende como quebra de sigilo informar sobre o cliente a especialistas comprometidos com o atendimento.

Artigo 9º

O Psicopedagogo não revelará, como testemunha, fatos de que tenha conhecimento no exercício de seu trabalho, a menos que seja intimado a depor perante autoridade competente.

Artigo 10º

Os resultados de avaliações só serão fornecidos a terceiros interessados mediante concordância do próprio avaliado ou do seu representante legal.

Artigo 11º

Os prontuários psicopedagógicos são documentos sigilosos e não será franquiado o acesso a pessoas estranhas ao caso.



CAPÍTULO V DAS PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS

Na publicação de trabalhos científicos deverão ser observadas as seguintes normas:

- a) As discordâncias ou críticas deverão ser dirigidas à matéria em discussão e não ao autor.
- b) Em pesquisa ou trabalho em colaboração, deverá ser dada igual ênfase aos autores, sendo de boa norma dar prioridade na enumeração dos colaboradores àquele que mais contribuiu para a realização da trabalho.
- c) Em nenhum caso o Psicopedagogo se prevalecerá da posição hierárquica para fazer publicar em seu nome exclusivo, trabalhos executados sob sua orientação.
- d) Em todo trabalho científico deve ser indicada a fonte bibliográfica utilizada, bem como esclarecidas as idéias descobertas e as ilustrações extraídas de cada autor.

CAPÍTULO VI DA PUBLICIDADE PROFISSIONAL

Artigo 13º

O Psicopedagogo ao promover publicamente a divulgação de seus serviços, deverá fazê-lo com exatidão e honestidade.

Artigo 14º

O Psicopedagogo poderá atuar como consultor científico em organizações que visem o lucro com venda de produtos, desde que busque sempre a qualidade dos mesmos.

CAPÍTULO VII DOS HONORÁRIOS

Artigo 15º

Os honorários deverão ser fixados com cuidado a fim de que representem justa retribuição aos serviços prestados e devem ser contratados previamente.



CAPÍTULO VIII DAS RELAÇÕES COM EDUCAÇÃO E SAÚDE

Artigo 16º

O Psicopedagogo deve participar e refletir com as autoridades competentes sobre a organização, a implantação e a execução de projetos de Educação e Saúde Pública relativas a questões psicopedagógicas.

CAPÍTULO IX DA OBSERVÂNCIA E CUMPRIMENTO DO CÓDIGO DE ÉTICA

Artigo 17º

Cabe ao psicopedagogo, por direito, e não por obrigação, seguir este código.

Artigo 18º

Cabe ao Conselho Nacional da ABPp orientar e zelar pela fiel observância dos princípios éticos da classe.

Artigo 19º

O presente código poderá ser alterado por proposta do Conselho da ABPp e aprovado em Assembléia Geral.

CAPÍTULO X DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Artigo 20º

O presente código de ética entrou em vigor após sua aprovação em Assembléia Geral, realizada no V Encontro e II Congresso de Psicopedagogia da ABPp em 12/07/1992, e sofreu a 1ª alteração proposta pelo Congresso Nacional e Nato no biênio 95/96 sendo aprovado em 19/07/1996, na Assembléia Geral do III Congresso Brasileiro de Psicopedagogia, da ABPp, da qual resultou a presente redação.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES

1 – Em sua opinião o que é distúrbio de aprendizagem?

- São problemas causados especificamente por deficiências mental ou física.
 São problemas que dificultam a aprendizagem
 São alterações manifestadas por dificuldades significativas na aquisição e uso da audição, fala, leitura, escrita e raciocínio matemático.

2 – Qual o seu nível de interesse pelos distúrbios de aprendizagem?

- Alto Médio Baixo

3- As dificuldades e os transtornos dos alunos não são independentes das experiências que lhes são proporcionadas em casa e na escola nem dos suportes que lhes oferecem. Você tem tido alguma orientação nesse ponto?

- Sim Não

4 – Para você quais os fatores determinantes para um bom rendimento escolar?

- Política educacional, cultura e tecnologia
 Social, cognitivo, psicológico e cultural
 Política educacional, currículo escolar e cognitivo

5 – Assinale os problemas mais freqüentes enfrentados no cotidiano da escola onde você atua?

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Indisciplina | <input type="checkbox"/> Relacionamento aluno/aluno |
| <input type="checkbox"/> Violência | <input type="checkbox"/> Carência Cultural |
| <input type="checkbox"/> Classe numerosa | <input type="checkbox"/> Acompanhamento familiar |
| <input type="checkbox"/> Relacionamento professor/aluno | <input type="checkbox"/> Problemas de ensino/aprendizagem |

6 – O trabalho de intervenção é importante para decifrar os enigmas que envolvem o fracasso escolar ou problema de aprendizagem. Como você avalia as intervenções feitas aos casos de distúrbios de aprendizagem ocorridos na escola?

- Ótimo Regular Bom Insatisfatório

7 – Você concorda que a concepção do processo atual de ensino e aprendizagem necessita de mudanças importantes no modelo de avaliação das necessidades educativas dos alunos?

- Sim Não

8 – Frente ao processo de avaliação psicopedagógica o professor passa a ocupar um lugar de primeira ordem além de ser o responsável pelas diversas medidas de apoio que eventualmente se considerem necessários para tal. Você tem conhecimento no campo da psicopedagogia?

- Sim Não

9 – Para a psicopedagogia o problema de aprendizagem envolve tanto o aprendente quanto o ensinante. Você em sua atuação frente ao surgimento de algum problema de aprendizagem teve algum acompanhamento psicopedagógico?

Sim Não

10 – A avaliação psicopedagógica deve servir para orientar o processo educacional em seu conjunto, facilitando a tarefa dos professores que trabalham cotidianamente com o aluno. Na escola onde você atua há uma atuação psicopedagógica?

Sim Não

ENTREVISTA COM O PROFISSIONAL PSICOPEDAGOGO

1 – A preocupação que hoje a educação tem é superar as barreiras que se interpõem à aprendizagem, e para isso ela precisa identificá-las. De que maneira pode ser feita a identificação das necessidades especiais do sujeito em processo de aprendizagem?

2 – Sabe-se que o conhecimento não é acabado e que a aprendizagem se processa em forma de ciclo. Logo, em qual etapa do desenvolvimento humano há mais possibilidade de ocorrências de distúrbios de aprendizagem?

3 – Por ser uma ciência recente, a psicopedagogia ainda enfrenta distorções em sua conceituação. Neste caso, que conceito você tem formulado da psicopedagogia?

4 – Muitas são as teorias sobre a origem das dificuldades de aprendizagem que fundamentaram o pensamento psicopedagógico. Qual delas se tornou o alicerce da psicopedagogia?

5 – Atualmente surgem inúmeras dúvidas na conceituação do que seja fracasso escolar e problemas de aprendizagem. Na linha do pensamento psicopedagógico, há diferenciação entre esses dois termos? Qual seria ela?

6 – O objeto de estudo da psicopedagogia é o processo de aprendizagem e suas dificuldades. Para o pensamento psicopedagógico como se processa o desenvolvimento da aprendizagem?

7 – Para uma aprendizagem bem sucedida é prescindível que haja condições favoráveis. Quais são as condições defendidas pelos psicopedagogos para que esse processo alcance seu êxito?

8 – O objetivo da psicopedagogia é compreender e tratar dos distúrbios da aprendizagem. Neste caso, até ponto o psicopedagogo pode auxiliar o professor que enfrenta esses problemas?

9 – O psicopedagogo tem um papel e interventor diante do processo educativo. Para melhor compreender esse papel, o que seria a intervenção psicopedagógica clínica?

10 – O acompanhamento da família às crianças é fundamental em todas as etapas escolares. Se o processo de aprendizagem sofre distúrbios, que atuação educativa o psicopedagogo pode desenvolver no âmbito familiar?